

## Recepção transmidiática: incursões pela Teoria Ator-rede

Patrícia Azambuja  
Universidade Federal do Maranhão  
Projeto de Pesquisa “Performances Cognitivas em Interfaces  
Convergentes”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no  
Maranhão - FAPEMA  
[patriciaazambuja@yahoo.com.br](mailto:patriciaazambuja@yahoo.com.br)

Márcio Monteiro  
Universidade Federal do Maranhão  
[themarcmont@hotmail.com](mailto:themarcmont@hotmail.com)

**Resumo:** *Propomos aqui uma análise de campo ambientada em espaço transmidiático, e utilizamos como ferramenta metodológica o Princípio da Simetria com base na Teoria Ator-rede. Seguindo a ideia de rastrear conexões, a partir de uma escrita etnográfica, o método propõe pensar o social menos como categoria de base analítica - posta antecipadamente e desvinculada do campo das experiências - e mais como algo focado no processo contínuo. As práticas sociais e midiáticas são articuladas aqui para além dos limites humanos (ou exclusivamente técnicos), enfim, o ator-rede se estabelece não como uma entidade fixa, mas, através de fluxos com base nos quais o método irá descrever a propagação de associações.*

**Palavras-chave:** *teoria ator-rede, etnografia, transmídia.*

---

**Resumen:** *Proponemos aquí un análisis de campo transmedia ambientado en el espacio, como una herramienta metodológica y el uso del principio de simetría basada en la teoría del actor-red. Siguiendo la idea de rastreo de conexiones de una escritura etnográfica, el método propone considerar lo social como una categoría de menor base analítica - llamado por adelantado y sin relación con el campo de la experiencia - y como algo más centrado en un proceso continuo. Las prácticas sociales y los medios de comunicación se articulan aquí más allá de los límites humanos (o puramente técnicas), por último, el actor-red se establece no como una entidad fija, sino a través de los flujos en los que el método se describe la propagación de las asociaciones.*

**Palabras clave:** *teoría actor-red, etnografía, transmedia.*

---

**Abstract:** *Propose here an analysis of cross-media field set in space, as a methodological tool and use the principle of symmetry based on Actor-Network Theory. Pursuing the idea of tracing connections from an ethnographic writing, the methodology proposes to consider less the social as a category of analytical basis – called in advance and unrelated to the field of experience – and as something more focused on continuous process. Social and media costumes are here articulated beyond human limits (or purely technical), anyway, the actor-network is established not as a fixed persona, but through flows on which the method will describe the spread of associations.*

**Keywords:** *actor-network theory, ethnography. cross-Media.*

O sociólogo francês Bruno Latour (1994) apresenta a si próprio e a seu grupo de amigos<sup>1</sup> como estudiosos de situações estranhas que a cultura intelectual não consegue classificar. Também se autodenominam “sociólogos, historiadores, economistas, cientistas políticos, filósofos, antropólogos [...] acrescentando sempre o genitivo: das ciências e das técnicas” (Latour, 1994: 9). No interior de instituições científicas, buscam descrever as tramas atravessadas por acontecimentos ligados à ciência e a toda mistura responsável por tecer as teias do corpo social. Seguem as tramas aonde elas os levem, tomando como meio de transporte a noção de rede. “Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas históricas confusas” (Latour, 1994: 9). Apesar de serem considerados por demais calculistas e instrumentais, às vezes, marginais, Latour avisa que isso acontece por equívoco no entendimento dos seus trabalhos, pois suas pesquisas não estão interessadas em discutir a natureza ou o conhecimento puros (ontologia e epistemologia), mas as suas relações, os seus envolvimento com coletivos, sujeitos e objetos, sem redução a uma coisa ou a outra.

## 1. Sociologia das Associações: rede sociotécnica

Um dos amigos de Latour, John Law (2008), discorre sobre a formação interdisciplinar no campo CTS - Ciência, Tecnologia e Sociedade, propondo a análise das diferenças e das sobreposições entre este campo e a Sociologia, com foco na necessidade de buscarem-se métodos de investigação condizentes com realidades performativas<sup>2</sup>. Para isso, pondera na relação entre a sociologia do conhecimento científico, o campo estudado e uma metodologia pragmática, a possibilidade de inclusão que ele identificou como *Princípio de Simetria*. Para ele, “[...] theory is done in the form of case studies”<sup>3</sup> (Law, 2008: 630), uma “etnometodologia”<sup>4</sup> em descompasso com a ideia de grandes narrativas, que traça relações entre ciência, aspectos culturais, práticas cotidianas e estudos de caso empíricos. Bruno Latour (1997) retoma o conceito ao analisar questões de dominação entre instrumentos técnicos e seres humanos, a partir de um exemplo clássico, “armas matam pessoas”, e do dualismo existente na busca por possível agente no processo: a arma, o cidadão ou outra criatura (uma arma-cidadão ou um cidadão-arma)? Este movimento precisa ser simétrico. Nem sujeito, nem objeto são fixos ou independentes. “Em sentido algum se pode dizer que os humanos existem como humanos sem entrarem em contato com aquilo que os autoriza e capacita a existir (ou seja, agir) [...] Objetos que existem simplesmente como objetos, apartados de uma vida coletiva, são desconhecidos” (Latour, 1997: 221). Este “alguém mais”, Latour (2001) chama de “ator híbrido”.

---

<sup>1</sup> Pesquisadores do campo de estudo “Ciência, Tecnologia e Sociedade” (CTS).

<sup>2</sup> Em oposição à ideia de construção social edificada sob bases absolutas, John Law (2008) coloca em discussão a noção de processo contínuo e performativo.

<sup>3</sup> Tradução nossa: “A teoria é feita sob a forma de estudo de caso”.

<sup>4</sup> Bruno Latour (1997) analisa a etnometodologia como um movimento de reação ao abuso da metalinguagem em sociologia. “Em lugar de imputar aos atores sociais, a cada vez, interesses, cálculos, classes, hábitos, estruturas, supondo-os marionetes da sociedade, a etnometodologia quer esvaziar a sociologia de toda a sua metalinguagem e quer tomar o ator e sua prática como o único sociólogo competente [...] Entre o sociólogo que põe ordem e o ator que acrescenta desordem, é melhor confiar no ator – e pior para a desordem” (Latour, 1997: 28).

Simetria, como princípio metodológico, propõe, em primeiro lugar, pensar o social menos como categoria de base analítica, posta antecipadamente e desvinculada da rede de relações heterogêneas geradas no campo das experiências, e mais como algo focado no processo contínuo. Seguindo a ideia de tentar descrever sem explicar, rastreando as conexões a partir de uma escrita etnográfica, a Antropologia Simétrica - Sociologia das Associações (Latour, 1994, 2005) - redefine a noção de social para além dos limites humanos, como um rastro de associações (e reassociações) entre elementos heterogêneos (humanos e não-humanos). Uma abordagem historicamente conhecida como Teoria Ator-rede (Actor-Network-Theory). Para o autor, de tão estranho e confuso, o termo merece ser mantido, isso porque a TAR (ANT para a sigla em inglês) nem pretende a universalidade de uma teoria, pois é mais compatível com a proposta de método; nem privilegia os aspectos humanos daqueles normalmente conhecidos como atores sociais. Por outro lado, a sigla ANT e seu significado em inglês - formiga - funcionam perfeitamente como analogia para a importância das pequenas conexões.

Pensando no contexto contemporâneo de transmidialidade<sup>5</sup> - de onde são levantadas possibilidades de maior dinamismo e liberdade por parte da audiência, buscamos compreender essas novas cenas midiáticas como complexas estruturas sociotécnicas em transformação. Buscando experimentar, portanto, metodologias para rastrear instabilidades e realidades em processo. Neste sentido, a ideia de processualidade é totalmente coerente com a abordagem proposta pela TAR. Assim, o social passa a ser entendido não como um domínio especial da realidade, mas como um princípio de conexões rastreáveis. E, na ação de montar (e remontar) as conexões sociais, a sociedade passa a ser compreendida como coletivo. Não há grupos, mas formação de grupos, possivelmente identificados através da visualização de rastros e controvérsias nas ligações temporárias entre os atores (ou actantes)<sup>6</sup> destes coletivos. Para Latour (2005:34), agregados sociais não são como grupos estáveis ou como algum tipo de objeto ou convenção, mas fazem parte de um universo que ele chamou de “fontes de incertezas”: um campo de definição performativo. Estudos vinculados à TAR, portanto, alertam para a necessidade de definições menos dogmáticas. A regra não pode ser a ordem. Para os sociólogos das associações, a regra é performativa, e as exceções, os conflitos, a criação também devem ser contabilizados ou estabilizados nas redes analisadas. Nesse caso, Latour (2000) apresenta sua primeira regra metodológica: “Estudamos a ciência em ação, e não a ciência ou a tecnologia pronta; para isso, ou chegamos antes que os fatos e máquinas se tenham transformado em caixas-pretas, ou acompanhamos as controvérsias que as reabrem” (Latour, 2000: 421).

O objetivo central deste artigo é, portanto, apresentar resultados e análises de um trabalho empírico capaz de rastrear conexões possíveis entre sociedade e técnica em cenário de comunicação transmídia. A partir da perspectiva metodológica que não faça distinção entre natureza, sociedade e objetos técnicos, buscamos perceber

<sup>5</sup> Analisado por Henry Jenkins (2008), possibilita a experiência de narrativas se expandirem para além da sua plataforma original. Situações através das quais os conteúdos oriundos dos mais diversos meios e linguagens vão sendo desdobrados em outros espaços – televisão, laptops, celulares, revistas etc., com o objetivo de fragmentar a narrativa e complementá-la.

<sup>6</sup> De acordo com Bruno Latour, a palavra ator, do inglês *actor*, se limita a humanos, por isso, muitas vezes utiliza actante (*actant*), termo emprestado da semiótica, para incluir não-humanos no entendimento sobre coletivo.

presenças e ausências no encadeamento proposto pela teia de relações entre experiências humanas, processos comunicacionais e seus aparatos de mediação. A caixa-preta<sup>7</sup> com a qual pretendemos mexer dá conta de um contexto de digitalização em rede que pressupõe - a partir do crescente número de terminais e modos de recepção a eles associados - maior liberdade de escolha e participação nos fluxos de informações, ao contrário do que historicamente é proporcionado pelos dispositivos convencionais (a televisão, por exemplo). Enfim, estamos à procura de instabilidades e controvérsias capazes de abrir as caixa-pretas.

## 2. Teoria Ator-rede em cenário transmídia

Para a análise das práticas sociais com as quais nos deparamos, desconsideramos a definição pré-realista do social que coloca em primeiro plano o participante humano, para então desvelar o mundo social para além deste. Segundo Latour (2005), é preciso privilegiar os mediadores, cuja proliferação gera o que podemos chamar de quase-objetos e quase-sujeitos. Os membros humanos e o contexto social devem ser colocados em segundo plano. A sociedade, percebida aqui em seu sentido coletivo, passa a existir a partir desses vínculos provisórios de novas associações e não como uma estrutura de laços sociais fixos. O ator-rede, então, não é mais visto como um ponto; assume forma de estrela, de onde os vínculos o fazem existir. Os enlaces primeiro e os atores depois. Esta perspectiva persegue a Teoria Ator-rede: conexões e quase-objetos são os verdadeiros centro do mundo.

Para Latour (2005), implantar controvérsias significa ampliar o número de participantes e configurar rearranjos para o ator-rede através de novas possíveis associações. São os vínculos que o fazem existir. Neste sentido, utilizar a metodologia com base na TAR é dar condições para que outros actantes possam fazer parte do coletivo observado, e assim trazer à tona elementos ausentes à primeira vista.

A etapa seguinte é tentar seguir a maneira como os próprios actantes estabilizam as controvérsias, para assim, buscar entender suas motivações e desdobramentos.

Hoje, situações com a internet chamam a atenção por seu potencial de conexão entremeios. As comparações entre Web e televisão, por exemplo, sempre aparecem para os nossos informantes e demonstram no poder de escolha da Web o seu maior trunfo. Neste caso, nos deparamos com questões relacionadas à possível autonomia do espectador-usuário<sup>8</sup>, e passamos a compreender a interatividade como um vínculo não exclusivamente associado à técnica ou aos hábitos e influências sócio-culturais, mas como estabilizações temporárias com as quais nossos informantes lidam nos momentos de interação com os suportes comunicacionais. Assim, propomos aqui mapear momentos nos quais a programação de TV eventualmente é conectada às redes

---

<sup>7</sup> “A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais” (Latour, 2000: 14). Há, portanto, relação com fatos ditos incontestáveis, os quais adquirem estabilidade ao conseguirem neutralizar incertezas e controvérsias ao seu redor. Neste caso, a caixa-preta está fechada; ficando a cargo de algum tipo de polémica ou mudança no cenário geral de existência do fato o poder de reabri-la.

<sup>8</sup> Apesar de ainda sabermos muito pouco sobre as transformações no indivíduo receptor de mensagens por meios digitais – possivelmente mais ativo em relação ao consumo de informação - já são chamados de diversas formas, entre elas: leitor imersivo ou usuário, (Santaella, 2004), interagente (Primo, 2003), interator (Murray, 2003), participador (Maciel, 2009) ou teleusuário (Brackmann, 2010).

virtuais com o objetivo de “ampliar” – pela complementação com banco de dados, informações e imagens adicionais ou espaço para troca de opiniões pessoais – o processo comunicacional de um conteúdo específico.

Em seu trabalho sobre redes sociais digitais, Lúcia Santaella e Renata Lemos (2010) percorrem este mesmo caminho, no entanto, sugerem cuidado na possível confusão entre rede de actantes e algum conceito de redes em contexto exclusivamente técnico digital. A Teoria Ator-rede diferencia-se das teorias de redes sociais “por ampliar de maneira até desconcertante a noção de atores ou actantes para além do domínio humano, alcançando quaisquer entidades não-humanas e não individuais” (Santaella e Lemos, 2010: 28). Para as pesquisadoras, a TAR “não pretende adicionar redes à teorias sociais, mas reconstruir a teoria social a partir das redes” (Santaella e Lemos, 2010: p.28). Assim, actantes não são entidades fixas, são fluxos com base nos quais o método irá descrever a propagação de associações.

Santaella e Lemos (2010) propõem reorganizar e estender as explicações de Latour (1997) sobre as redes científicas nos laboratórios aos estudos de redes sociais na internet. E apesar de algumas críticas em torno da sua negligência às estruturas mais amplas de poder, para elas, a

TAR nos ajuda a evitar o funcionalismo presente em muitos estudos de mídia, ela também insiste na hibridação do que é chamado de relações sociais; além disso, ela impede que as mídias sejam identificadas com a sociedade como um todo, assim como nos fornece uma linguagem precisa para formular como os fluxos complexos de atores representam uma forma distinta de poder (Santaella e Lemos, 2010: 46).

O afastamento que o próprio Latour (2005) promove entre a TAR e a internet compreende-se pelo entedimento da Web como ligação entre tecnologias ou pessoas a partir de elementos que se repetem. Ao contrário, a TAR se propõe ao heterogêneo e ao imprevisível. O ator-rede não é pré-existente, ou um ponto isolado interligado a outro. A rede estabelece-se no domínio da experiência e de conexões rastreáveis.

Alguns pesquisadores justificam na Teoria Ator-rede um método privilegiado “na habilidade de trazer insights para compreender a tumultuada complexidade das RSIs” (Santaella e Lemos, 2010: 48) - Redes Sociais na Internet - e preparada para dar conta dos múltiplos actantes, sejam as diversas plataformas, softwares, códigos de linguagens, sujeitos, suas intenções ou cenários de recepção. As “conversas e trocas de indivíduo a indivíduo são apenas uma superfície visível que a TAR pode transformar em dizível (Santaella e Lemos, 2010: 48).

Neste contexto de novas possibilidades técnicas em cenário de concorrência midiática, a programação da televisão começa a se deixar contaminar pelas características hipermidiáticas da internet. Alguns produtos televisivos passam a utilizar diferentes plataformas para distribuição e acesso. Henry Jenkins (2008) descreve este cenário de mudanças, onde a cinematografia clássica, séries ou reality shows televisivos incorporam um fluxo de conteúdo que perpassam múltiplos suportes midiáticos, influenciados sobretudo pelo comportamento migratório do público que vai em busca de suas próprias experiências de entretenimento. Em linhas gerais, o pesquisador nos descreve um espaço de produção e circulação de conteúdo que se distancia de um pólo centralizador, de caráter massivo, e passa a descrever uma concepção pós-massiva de onde são estimulados novos comportamentos ligados

aos produtos de entretenimento, baseados inclusive no que chamou de cultura da participação. Assim, situações mais complexas começam a tornar-se possível nas rotinas da audiência televisiva, e questões vinculadas ao maior poder de participação, cooperação e subversão das grades ganham destaque nas discussões envolvendo TV e internet.

A influência da “amiga” Madeleine Akrich (1998) à TAR prevê a intervenção ativa do usuário no processo, uma vez que considera incompleta a configuração dos dispositivos técnicos. Com base na Sociologia das Inovações, segundo a qual as pessoas reinventam os objetos técnicos a partir dos seus próprios usos, faz uma leitura da Cultura da Matéria, pelo viés da tecnologia, buscando observar nos objetos técnicos o acirramento de suas funções práticas. A conexão entre usuário e o momento prático com objetos técnicos pode alterar significativamente a gama de intenções pretendidas para os dispositivos. Os usuários liberam algumas estratégias inovadoras e são o que Certeau (2009) chama de dimensão tática do uso, para a qual os objetos não estão reduzidos aos seus programas pré-estabelecidos. Há sempre a possibilidade de desvios de sua função original, rearranjada por seu comportamento tático no momento de uso. As formas de uso sempre podem ser subvertidas.

Neste sentido,

uma das grandes lições que as tecnologias da inteligência vêm dando é que, quando as aplicações tecnológicas chegam à mentes e mãos dos usuários, estes produzem desvios mais ou menos drásticos no planejamento originalmente esperado. O uso, portanto, flexibiliza o programa. Os procesos bottom-up (de baixo para cima) refinam e trazem resultados que não estavam previamente codificados (Santaella e Lemos, 2010: 50).

### 3. Novos desafios metodológicos

A nossa observação de campo, portanto, parte das controvérsias, dos desvios no uso, dos exemplos saudáveis de anarquia ou, algumas vezes, submissão, enfim, dos muitos exemplos nos quais os serviços disponíveis pela internet podem exacerbar a troca de informação, de afetividade, humor, ou mesmo, gerar “pequenos acenos de presença” (Santaella e Lemos, 2010: 52). Os dispositivos móveis começam a proporcionar uma vivacidade ininterrupta entre humanos e os

pequenos sinais de presença são tão ou mais importantes do que os conteúdos do que é comunicado, o que aumenta a frequência da função fática da linguagem e das interjeições exclamativas, uma insistente litania de mensagens expressivas curtas (Santaella e Lemos, 2010: 52).

Entretanto, não é objetivo central deste trabalho confirmar ou refutar as caixas-pretas, mas, levantar as instabilidades capazes de reabri-las, buscando na complexidade das múltiplas situações de convergência entre TV e Web detalhar as possibilidades e algumas de suas motivações. Assim, buscamos seguir o conselho de Lúcia Santaella e Renata Lemos (2010: 8): “Não é prudente se debruçar monograficamente sobre um fenômeno quando ele ainda se encontra em estado de fervura”.

Tão cautelosa quanto Santaella e Lemos (2010), a professora Maria Immacolata Vassallo Lopes (2011) pondera em torno dos desafios metodológicos na passagem da



recepção televisiva para as novas mídias: “até onde podemos aprender com as experiências de pesquisa de recepção, e o quanto devemos começar de novo?” (Lopes, 2011: 1). A pesquisadora separa dois momentos de recepção com a televisão – antes e depois dos processos que incentivam a transmidiação e a interatividade – e afirma que os desafios com a internet são ampliados, e nos convoca a estarmos abertos às experiências de pesquisa com os chamados web métodos. Lopes (2011) mantém sua preocupação focada no grau e no modo de participação das audiência diante das situações complexas de multiplicação das telas e modos de uso: da sua mobilidade, características e linguagem.

Assim, as pesquisas de recepção com os novos meios começam a repensar suas ferramentas metodológicas, principalmente, quando a figura do receptor passa a incorporar também o perfil de produtor de narrativas e informação. A criação das obras e suas situações de interação começam a assumir características de autoria compartilhada. Para Lopes (2011), em conteúdos que implicam o uso da internet, as pessoas compartilham um maior número de informações e, ao que tudo indica, estão mais envolvidas com o processo de recepção. Por este motivo, questões sobre as ferramentas e o enfoque para as pesquisas empíricas, segundo a pesquisadora, devem estar pautados por um protocolo multi-metodológico. Já para Raquel Recuero (2009) os estudos de agrupamentos sociais no ciberespaço são ainda pouco conhecidos no Brasil e estão em fase de construção de suas bases empíricas. Seguem, a partir da observação sistemática dos fenômenos, no sentido de “verificar padrões e teorizar sobre os mesmos. Estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (Recuero, 2009: p.22).

Assim, a etnografia virtual também pode incorporar efeito performativo no sentido em que o pesquisador participa da criação destes artefatos culturais ao penetrar por entre seus fluxos de conexões e analisar as suas motivações, tanto no espaço online como nas situações offline. Neste sentido, escolhemos alguns programas de televisão - SWU/2011<sup>9</sup>, Acesso MTV<sup>10</sup> e BBB 12<sup>11</sup> - e passamos a acompanhar por alguns dias, via sites de relacionamento (especificamente, Facebook<sup>12</sup> e Twitter<sup>13</sup>), as transmissões e, paralelamente, os comentários sobre a programação.

---

<sup>9</sup> O SWU é um festival de música que acontece anualmente no interior do estado de São Paulo. A sustentabilidade é a temática central do evento, e a edição de 2011, realizada entre os dias 12 e 14 de novembro, foi transmitida pela Rede Globo. Segundo os organizadores, cerca de 180 mil pessoas participaram desta edição.

<sup>10</sup> O programa Acesso MTV é veiculado diariamente pela MTV Brasil. Traz informações sobre o universo da música e trechos de videoclipes. Ao longo do programa, perguntas feitas pelas apresentadoras e respondidas pelos telespectadores por meio das redes sociais. Algumas respostas são selecionadas e lidas ao vivo.

<sup>11</sup> Em sua décima segunda edição, o Big Brother Brasil é um *reality show* produzido pela Rede Globo. Na versão brasileira do programa, os participantes ficam confinados durante os meses de janeiro, fevereiro e março, e disputam o prêmio de R\$ 1,5 milhão.

<sup>12</sup> Sistema criado em 2004 e teve como objetivo inicial criar uma rede de contatos que funcionasse através de perfis e comunidades. O Facebook (<http://www.facebook.com>) é o segundo maior site de rede social no Brasil e sofreu um crescimento de 192% sua quantidade de visitantes, de 8 milhões para 24,5 milhões em junho de 2011. Fonte: Relatório da comScore Media Metrix.

As redes sociais ou comunidades virtuais se constituíram a partir da comunicação mediada por computador, transformando a noção de “lugar” geográfico das relações sociais. Uma transformação de começa não necessariamente ligada à internet, mas com o “advento das cartas, do telefone e de outros meios de comunicação mediada [que] iniciaram as trocas comunicacionais, independente da presença” (Recuero, 2009: 135). Estas comunidades se constituem sob a forma aglomerados de pessoas que possuem algum tipo de relacionamento ou interesse comum, e que através de sites pela internet estabelecem outros vínculos. Raquel Recuero (2009: 13) “se propõe a pensar as redes sociais na internet reconhecendo-as justamente como agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação”. Uma rede social, na sua forma digital de mediação, estabelece alguns padrões de conexões entre os seus diversos participantes, assim como o que acontece como os grupos sociais não-virtuais.

Os usuários se tornam identificáveis pelos perfis que disponibilizam nas suas páginas, pelas associações que fazem a grupos de amigos ou comunidades, pelos comentários que produzem e, a partir das interações entre estas diversas ações - matérias-primas das relações e dos laços sociais - nós começamos a rastrear e buscar entender o que motivava esses participantes e quais seriam os seus interesses centrais.

Especificamente sobre os sites de relacionamento, os fluxos de troca de informação acontecem de forma assíncrona e reativa - alguns usuários vão apenas reagindo aos estímulos lançados por outros participantes ou dentro de um círculo limitado de atores - no sentido em que Primo (2003a) relaciona ao “uso que está pronto”. No entanto, além disso há ferramentas síncronas para conversas em tempo real. E os sites em questão também oferecem um espaço de decisões multidirecionais e inventivas: campos disponíveis (muraís e timelines) para lançar questões, fotos, vídeos, fazer comentários pessoais, e realizar um amplo diálogo entre as diferentes partes envolvidas, com poder de converter estes espaços de relacionamento em arena de discussão e negociação criativa, a partir da conexão entre vários comentários.

## 4. Penetrando a rede em processo

Uma análise panorâmica das redes denuncia que os sites também assumem uma faceta afetiva, ligada à intimidade, que ora parece irrestrita e ora, como fortalecimento de relações pré-existentes. São praticamente diários os cumprimentos lançados para a rede de amigos. Mas, se alguns cumprimentos parecem ecoar no vazio, assim como nos veículos convencionais, outros denunciam que estas redes, apesar de originalmente extensas, na verdade, tem o poder de confirmar laços íntimos de amizade. Após uma análise mais geral, buscamos localizar possíveis informantes nos espaços onde as interações aconteciam: direto nos perfis de comunidades vinculados aos programas de televisão já mencionados. A partir dos

---

<sup>13</sup> É um tipo de site (<http://twitter.com/>) que apresenta uma estrutura semelhante ao dos blogs, no entanto, permite apenas a inserção 140 caracteres (tweet) a partir da pergunta: o que você está fazendo? Por este motivo, convencionou-se chamá-lo de microblogging. Foi fundado em 2006 e funciona a partir da escolha de seguidores e pessoas a seguir, assim, filtrando as informações que deseja receber. O Twitter não é muito popular no Brasil, ocupa o quarto espaço no ranking de sites de redes sociais e alcançou 12 milhões de visitantes no mês de junho de 2011. Fonte: Relatório da comScore Media Metrix.



comentários lançados pelos usuários íamos buscando identificar suas rotinas e características, assim como, tentando estabelecer um contato mais direto, via canal de mensagens.

#### 4.1. Interação “com” e “sobre” televisão

A frequência e o teor dos comentários nos levavam a interpelar os participantes, no entanto, a diversidade de interesses e as formas de comportamento já demonstravam o grau de complexidade no campo. Assim, buscamos algumas estabilizações provisórias ao separar dois grupos de participantes: 1) os que faziam comentários para os programas de televisão e; 2) os que faziam comentários sobre os programas de televisão.

Como já descrito por Jenkins (2008), as narrativas e conteúdos audiovisuais estão sendo desdobrados para os formatos digitais, sendo também distribuídos em suas versões adaptadas via Web. A razão pode ser tanto atender a uma demanda de espectadores mais exigente e qualificada, como explorar outros espaços de comercialização desses conteúdos televisuais. Neste caso, passamos a perceber um comportamento típico do fã e @BarbaraCastro é um bom exemplo para ilustrar esta situação. Antes mesmo do programa Acesso MTV voltar das férias à sua programação normal, ela já postava tweets clamando por seu retorno. Ao longo do programa ao vivo, não era diferente, a informante sempre postava tweets com comentários ou com respostas às perguntas das apresentadoras. Visivelmente, neste período, estava entre as mais entusiasmadas. Questões materiais nos ajudaram a tentar entender uma participação tão ativa. No caso da fã em questão, utilização de conexão via celular e notebook.

De certo que o programa estimulava esta participação, colocando perguntas diretas aos espectadores e lendo ao vivo algumas respostas postadas. Isto certamente ajudava a alimentar o grau de intimidade entre os espectadores-usuários e o programa, assim como, a reciprocidade e a confiança entre os mesmos. Com @BarbaraCastro não era diferente. Disse que a sua motivação era que em algum dia o seu nome fosse citado ou alguém do programa falasse com ela. Quando perguntamos o que sentiria: “O QUE SENTIRIA? Eu iria começar a pular, gritar, correr pela casa e ficar rindo sozinha” (Entrevista via Twitter, janeiro de 2012).

Mas, o que observávamos em geral eram comentários que pareciam dizer algo apenas para si mesmos. Eles existiam para o puro prazer de alguém expressar-se. Vale lembrar a afirmação de Santaella e Lemos (2010) sobre o contato contínuo possível pelos dispositivos móveis e pelas redes de encontro ou troca, quando privilegiam aqueles “pequenos sinais de presença” (p. 52), tão importante quanto os conteúdos existentes nas manifestações. Um dos nossos informantes entrevistados, @Pouquinho, ratifica o que as autoras chamam de “breves acenos”, e diz: “O Face [Facebook] é um espaço para discussões menos sérias e não para grandes questões” (Entrevista presencial, janeiro de 2012).

Mesmo em situações nas quais os programas (ou as transmissões) utilizam os murais e timelines para prospectar espectadores, os comportamentos são bem variados. Curiosamente, alguns reproduzem situações parecidas com as de prestação de serviços dos programas de rádio: envio de beijos, promoções, sorteios etc. O que

parece servir de estímulo para os teleusuários. @Angelica, inclusive, disse que participa dos programas pela internet, principalmente, quando acontecem promoções ou enquetes polêmicas. “Mas também gosto de saber o que acontece na vida dos outros” (Entrevista via Facebook, janeiro de 2012).

De toda forma, os programas de televisão abusam ao explorar esses espaços de aglomeração virtual no sentido de chamar suas audiências para a programação convencional. E os muitos fãs multiplicam estas manifestações: em alguns momentos observávamos cem atualizações por minuto. No entanto, esses fluxos informativos parecem movidos por opiniões esparças e pelas mais diferentes razões: reclamações públicas, queixas particulares, alertas, congratulações ou simplesmente situações nas quais os usuários utilizam o espaço para lançar sua opinião.

@Mario, por exemplo, diz que fazer comentários na Web é algo que acontece naturalmente, sem nenhuma motivação específica. Quando questionado sobre o que espera que aconteça quando emite alguma opinião sobre programas, o usuário dispara um “nada” sem cerimônia. Em seguida, acrescenta que gosta de dar sua opinião mesmo que ninguém dê a menor importância. Mas, às vezes, aparecem pessoas que concordam com a opinião emitida. “É mais uma questão de expressão. Isso independe de eu estar falando sobre televisão. É bem bacana quando você discute uma questão em particular, que você acha que é o único que pensa daquele jeito, e percebe que muita gente compartilha daquela opinião. Isso acaba formando nichos de pessoas para discutir essas questões” (Entrevista via Facebook, janeiro de 2012).

## 4.2. Cultura do compartilhamento e ditadura da velocidade

E este jogo de opiniões emerge, se multiplica através de compartilhamentos ou comentários e leva a uma intrigante constatação. São muitas conexões, centenas de pessoas atualizando as timelines, (quase) simultaneamente. Um link em um site que leva a outro site, outro link que abre uma notícia, um comentário mais feroz, elogios, beijos, ideologias à venda, enfim, uma torre de babel em fluxo constante. No Facebook, analisamos comentários nos murais, ligados ou não às comunidades do programa. No Twitter, os tweets com múltiplas características vão aparecendo ao pesquisarmos hashtags como #SWUBRASIL, #AcessoMTV, #BBB etc. Mais rápido que a possibilidade de acompanhá-los. Esta velocidade vertiginosa a partir da qual as atualizações vão acontecendo parece satisfazer apenas dedos nervosos e certa ilusão de estar participando do processo. E um fato acontecido no momento de transmissão do SWU/2011 foi bem ilustrativo neste sentido: um comentário mal interpretado feito nos bastidores se propagou de forma tão veloz que, antes mesmo de ser apurado, chegou ao noticiário convencional. A informação equivocada foi propagada através de comentários e tweets que se espalhavam a esmo, invadindo inclusive a cobertura do Multishow e do G1. O vocalista da banda envolvida na confusão precisou corrigir a repórter ao vivo.

Via Portal Terra, no dia seguinte, tivemos a confirmação: a briga nos bastidores não havia acontecido entre as bandas informadas inicialmente. No entanto, o imbrólio foi alastrado pelas redes na internet e teve que se desfazer através de nota oficial.

Este fenômeno, inclusive, tem poder de ilustrar comportamentos bem interessantes nas redes. Chamados de virais ou memes, estão vinculados à cultura da replicação de ideias e estimulam o entendimento em torno da difusão da informação. Que tipo de ideia sobrevive e é replicada? E que tipo de ideia desaparece no ostracismo (Recuero, 2009).

Neste caso, a ditadura da velocidade pode ser um ingrediente perigoso para os fluxos de informação e para o momento de compreensão dos fatos. No entanto, também são fenômenos vitais para análises dos processos de comunicação atuais. Um exemplo, também acontecido no momento em que estávamos produzindo este artigo, foi a propagação do meme “Menos a Luiza, que está no Canadá”. Em uma semana, esta frase se espalhou na rede como um vírus: comentários pessoais, brincadeiras, vídeos, versões para músicas, tudo era um motivo para incluir o que virou uma espécie de bordão nas conversas. Até o momento em que caiu no noticiário. E o que parecia uma brincadeira ou jogo que alguns, inclusive, tentavam desvendar, passou a realidade noticiada pelos telejornais convencionais. E nunca mais se ouviu falar na Luiza.

Fica a pergunta: o que credencia uma ideia a sobreviver e se espalhar a partir de comentários e compartilhamentos? Ao que parece, a certeza que estão sendo “ouvidos” por alguém, apesar da maioria das vezes não obter resposta. Não muito diferente do sentimento da fã @Barbara Castro que, simplesmente, queria ouvir o seu nome sendo citado ao vivo. Assim, muitos dos nossos informantes insistem que os fluxos de informação que emergem desses sites de relacionamento tem força de mobilização. @Fabi afirma que “não existe maneira mais ágil e eficiente de manifestar opinião, atualmente, do que as redes sociais. O melhor é que as respostas chegam rapidamente, com direito a réplica e tréplica” (Em entrevista via Facebook, janeiro de 2012).

### 4.3. Liberdade de expressão e personalização do conteúdo

A controvérsia central do trabalho se apresenta. Narrativas, programas de televisão ou transmissões ao vivo são desmembrados em formatos adaptados para a internet no sentido de facilitar a interação com estes eventos, manter a audiência fiel e atualizada ou dar visibilidade também aos fãs. No entanto, as conexões observadas nos momentos de uso vão além da simples complementação de roteiros. Isto é, são comportamentos mais desconectados, inclusive, da própria programação. A atividade participativa se oferece como um recurso para manutenção de necessidades individuais. E o que parece relevante para a grande parte das redes mapeadas não são os comentários “para” ou “com” os programas, mas sim, os comentários “sobre” programas e assuntos gerais.

O BBB aparece como um bom exemplo. A participação via internet forma o pano de fundo do programa: chamadas e matérias informativas nos sites e comunidades, monitoramento através de câmeras exclusivas, votação etc. Muitos usuários colaboram na construção desse percurso transmidiático, outros procuram polemizar.

@Fabi, uma de nossas informantes vinculadas ao BBB, foi enfática: “Escutei que o BBB ia começar pelo grito de alegria da minha filha, infelizmente ela adora [...] Comento nas redes sempre que o programa merece, seja bom ou ruim...” (Em

entrevista via Facebook, janeiro de 2012). @Fabi compartilhou muitas ideias e campanhas contra o programa. E foi o que chamou a nossa atenção.

Algumas das nossas tentativas de contato direto (via mensagem) na busca das motivações nem sempre obtinham respostas. Mesmo quando nossos informantes tinham acabado de postar um comentário, eles geralmente não respondiam à abordagem enquanto o evento ainda estivesse sendo transmitido. Mas no caso do BBB, por exemplo, um usuário do Facebook chamado @Mario colocou no seu mural: “O que estraga o Big Brother é o Pedro Bial”. Este foi o comentário que nos levou à perguntar com que frequência ele costumava comentar na Web sobre programas de televisão. Ele nos respondeu que faz isso o tempo todo, e que costuma ficar no computador enquanto a TV está ligada. Quando algo chama a sua atenção, ele comenta.

Outros informantes relataram que passam mais tempo na internet que assistindo à televisão. @Juaum passa cerca de seis horas por dia conectado, via rádio. Afirmou que a internet lhe permite escolher aquilo que realmente quer ver. Diz que passa tanto tempo conectado que, às vezes, sai de casa para não ter que ligar o computador. Quando faz comentários sobre a programação televisiva na Web, ele afirma que já espera encontrar opiniões diferentes da sua, mas que é divertido ver como as pessoas tem opiniões bem diversas sobre os assuntos. @Juaum define esse canal como importante, até porque, muitas pessoas passam nele grande parte do dia. A relação da internet com as mídias tradicionais é um avanço muito grande pelo poder de divulgação que a nova mídia possui (Entrevista via Facebook, janeiro de 2012).

@Mariana também costuma comentar nas comunidades algo que lhe chama a atenção na programação televisiva. A motivação seria constatar se a opinião dos outros combina com a sua. Pela variedade de conteúdos que a internet disponibiliza, a informante declarou que prefere internet à televisão. Justifica que na televisão aberta os formatos são muito repetitivos e na TV fechada, a publicidade ocasiona uma quebra do produto. O acesso aos conteúdos pela internet é mais fácil, inclusive aos programas que ainda não foram exibidos pela televisão brasileira, como é o caso de séries de TV, transmitidas primeiro nos Estados Unidos. Os comentários feitos por meio do Facebook e do Twitter seriam uma forma de os usuários mostrarem aquilo que realmente lhes interessa na programação televisiva. “Se os usuários não gostam, eles reclamam muito”, afirmou @Mariana (Entrevista via Facebook, janeiro de 2012).

## 5. Considerações Finais

Por se tratar de uma tarefa extremamente complexa, considerando inclusive os elementos que estruturam os laços sociais – grau de intimidade, normas de reciprocidade ou confiança – e que são multiplicados quando confrontados no campo pelas diversas experiências, o trabalho empírico aqui apresentado não teve nenhuma pretensão de esgotar as discussões em torno da interação via sites de relacionamento.

Por entender este um espaço em processo, o detalhamento de alguns vínculos entre internet e televisão objetivou apenas levantar eventuais reações, no sentido de iniciar um mapa com informações preliminares e de testar métodos de investigação adequados à complexidade das experiências com as mídias digitais.

Ao contrário da aparente descentralização dos meios, existe, em algumas situações através dos comentários compartilhados nos sites, o esforço no sentido de fazer convergir em um mesmo ambiente opiniões ou aquilo que é produzido pelos meios de comunicação tradicionais. No momento em que algo que está sendo transmitido pela televisão chama a atenção de alguém, ou no momento em que um programa de TV incentiva a participação da audiência, formam-se, ainda que temporariamente, afiliações voluntárias em torno das opiniões emitidas, e que ajudam a repercutir o fato (Jenkins, 2008). Ao que tudo indica, a circulação dessas opiniões e comentários segue um fluxo de aparente autonomia.

Algumas situações de socialização mediadas por computador apresentam geometrias variáveis e imprevisíveis. E assim compreendemos que a melhor maneira para entendê-las é de fato rastrear os comportamentos e as associações dos atores envolvidos. Portanto, as redes que se formam evidenciam novas condições de sociabilidade, novas materialidades e hábitos. No entanto, a motivação parece a mesma: a necessidade de inserção no processo de comunicacional.

As estabilizações performam redes de vínculos que evidenciam questões ligadas à ascensão do individualismo, à necessidade de escolhas, questões afetivas e mobilidade técnica. O individualismo como característica de organização social – não é considerado um padrão psicológico (Castells, 2003) - pois quando as relações individuais se rompem, o fluxo permanece, servindo de espaço para outras manifestações pontuais. Portanto, o fluxo se faz no uso coletivo, mas as condições individuais manifestam as incursões que alimentam o fluxo como um todo.

Em torno das condições individuais, citamos aspectos humanos e não-humanos. Isto é, questões ligadas aos dispositivos móveis (celulares, notebooks, roteadores, modems etc.) e acesso irrestrito implicam um maior volume de mensagens, em espaços de tempo mais curtos, e lugares variados (públicos ou privados), entretanto, em alguns momentos, com menor grau de compromisso.

Em qualquer lugar e a qualquer momento, são postados comentários breves, saudações, respiros, enfim, frutos da experiência que poder “ser” ou “pertencer”. E não foram raros depoimentos que imputavam à internet força para mobilização, transformação ou poder. Pelo simples fato de lá as mais diferentes opiniões poderem co-existir.

Junto às situações “com/para” ou “sobre” a programação de televisão, observamos outras controvérsias em situações estabilizadas por usuários que utilizam a internet, inclusive, para construir sua própria programação de televisão. Numa relação que pode ser caracterizada como “apesar de”. O método performativo apresentado pela Teoria Ator-rede, portanto, faz uso das instabilidades como ferramentas para penetrar nesses momentos complexos de interação e assim buscar identificar configurações e algumas reações. Para assim sermos capazes de compreender algumas motivações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKRICH, Madeleine (1998): “Les utilisateurs, acteurs de l’innovation”, em *Education permanente*, nº 34, pp. 79-89.

- BRACKMANN, Christian Puhmann (2010): *Usabilidade em TV Digital*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade Católica de Pelotas.
- CASTELLS, Manuel (2003): *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- CERTEAU, Michel de (2009): *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, Vozes.
- JENKINS, Henry (2008): *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph.
- LATOUR, Bruno (1994): *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- LATOUR, Bruno (1997): *A Vida de Laboratório: a produção de fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- LATOUR, Bruno (2000): *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora Unesp.
- LATOUR, Bruno (2001): *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo, Edusc.
- LATOUR, Bruno (2005): *Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theor*. Nueva York, Oxford University Press.
- LAW, John (2008): “On sociology and STS”, em *The Sociological Review*, vol. 56, nº 4.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (2011): “Uma agenda metodológica para a recepção transmidiática da ficção televisiva”, em XX Encontro da Compós, na UFRGS. Disponível na Internet:  
<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=91&mmenu=6&gm=int&gti=arqul&ordem=3&grupo1=9D>.
- MACIEL, Kátia (2009): *Transcineamas*. Rio de Janeiro, Contra Capa.
- MURRAY, Janet H (2003): *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo, Itaú Cultural, Unesp.
- PRIMO, Alex (2003): “Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva”, em *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, vol. 5, nº 2, pp. 125-142.
- RECUERO, Raquel (2009): *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, Sulina.  
*Relatório da comScore Media Metrix*. Disponível na Internet:  
[http://www.comscore.com/por/Press\\_Events/Presentations\\_Whitepapers/2011/The\\_Rise\\_of\\_Social\\_Networking\\_in\\_Latin\\_America](http://www.comscore.com/por/Press_Events/Presentations_Whitepapers/2011/The_Rise_of_Social_Networking_in_Latin_America).
- SANTAELLA, Lúcia e LEMOS, Renata (2010): *Redes sociais digitais: a cognição conetiva do Twitter*. São Paulo, Paullus, Ouvir